

ENCONTROS VOCÁLICOS EM PORTUGUÊS ARCAICO: UMA INTERPRETAÇÃO FONOLÓGICA¹

Fernanda Elias ZUCARELLI²

- **RESUMO:** Este trabalho estuda os encontros de vogais na escrita do Português Arcaico (de agora em diante PA), no seu período trovadoresco, em busca de seus *status* fonológico. Foram focalizados os encontros entre vogais no interior de palavras, com o objetivo de definir se se está diante de ditongos ou hiatos. Utilizando a Fonologia Não-Linear, em especial, o modelo métrico, que trata da estrutura da sílaba, foi possível chegar a conclusões sobre a estruturação silábica do português da época e organizar hipóteses para interpretar os encontros vocálicos no nível fonológico. Finalmente, foi possível concluir que o tipo de encontro vocálico mais comum em PA, não por coincidência, é o ditongo (foram constatados no *corpus* 722 ditongos e 123 hiatos), também o mais comum no Português Brasileiro atual. Mas é preciso ressaltar que o PA tolera os hiatos (inclusive não aceita outra solução, em alguns casos) enquanto o Português Brasileiro os evita. A conclusão a que se chega, a partir das análises empreendidas neste trabalho, é que, no PA, no nível fonológico, existem, no máximo, ditongos (os tritongos só são possíveis no nível fonético). E, mesmo no caso dos ditongos, o *glide* está posicionado na coda da sílaba (e não no núcleo).
- **PALAVRAS-CHAVE:** Português arcaico; sílaba; ditongos; hiatos; poesia medieval galego-portuguesa; fonologia não-linear.

Introdução

Este trabalho tem por objetivo estudar os encontros de vogais intravocábulares na escrita do PA, no seu período trovadoresco. Como embasamento teórico serão considerados estudos do ponto de vista da Fonologia Não-Linear, por exemplo, Liberman e Prince (1997), Selkirk (1980), Hogg e MacCully (1987), Hayes (1995), Massini-Cagliari (1995, 1999), Bisol (1989, 1994), Cagliari (1997, 1998), entre outros.

Metodologia

Quando se tem como objetivo a investigação de elementos de natureza não meramente segmental - como, no caso, a descrição de estruturas silábicas e a formação de ditongos e hiatos - de um período de uma língua em que ainda não havia tecnologia suficiente para o arquivamento e a transmissão de dados orais, a possibilidade de escolha entre material poético e não-poético para constituição do *corpus* não é viável. Como os textos remanescentes em PA são todos registrados em um sistema de escrita de base alfabética, sem notações especiais para os fenômenos prosódicos (a não ser, na prosa, certos tipos de segmentação represen-

¹ Este artigo é resultado do trabalho desenvolvido para a Dissertação de Mestrado (ZUCARELLI, 2002) que recebeu apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), na forma da concessão de uma bolsa de Mestrado (processo 99/12149-0). O Projeto de Pesquisa que originou este artigo está vinculado ao Projeto "Fonologia do Português Arcaico", coordenado pela Profa. Dra. Gladis Massini-Cagliari, financiado pela FAPESP no Programa de Apoio a Jovens Pesquisadores em Centros Emergentes (processo 1997/12447-5).

² Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa - Faculdade de Ciências e Letras - UNESP - 14.800-9001 - Araraquara - SP - Brasil. E-mail: fernandazucarelli@fafibe.br.

tados, na escrita, pela inclusão de espaços em branco entre as palavras, troca de linha etc., que podem ajudar um pouco a clarificar essa questão), fica praticamente impossível de serem extraídas informações como as que estão sendo aqui buscadas, a respeito da estruturação silábica do português desse período, a partir de textos escritos em prosa.

Já em relação a textos poéticos, ocorre o contrário, principalmente se estes forem metrificados, isto é, se levarem em conta o número de sílabas e/ou a localização dos acentos em cada verso. A partir da observação de como o poeta conta as sílabas (poéticas) e localiza os acentos em cada verso, podem ser inferidos os padrões silábicos de cada palavra e, assim, podem ser inferidos os padrões acentuais e rítmicos da língua na qual os poemas foram compostos. Com base na análise da estruturação métrica das cantigas, é possível decidir, para cada encontro vocálico, se se trata de um ditongo ou de um hiato, fazendo uma classificação dos dados encontrados, no nível da realização fonética. Assim, para obter um *corpus* que possa ser considerado um recorte significativo do PA, foram selecionadas 107 cantigas, assim distribuídas:

- 50 cantigas de amigo, extraídas do *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*, na edição fac-similada de 1982;

- 50 cantigas de amor, extraídas do *Cancioneiro da Ajuda*, na edição fac-similada de 1994;

- 7 cantigas de amigo de Martim Codax, presentes no *Pergaminho de Vindel*, extraídas do fac-símile contido em Ferreira (1986);

Com relação à abordagem Não-Linear, com enfoque para a Fonologia Métrica, é importante ressaltar que o modelo métrico foi essencial para o estudo, visto que tem como principal fonte de estudo a sílaba, a qual denuncia a presença dos encontros vocálicos e permite a classificação deste + +s em ditongos ou hiatos, em um nível fonológico, mais abstrato - atingível apenas a partir de modelos teóricos interpretativos do nível fonético.

Para possibilitar a análise do *status* fonológico dos encontros vocálicos em PA, foi necessário, em um primeiro momento, um levantamento de todos os encontros vocálicos presentes no *corpus*, através de um minucioso trabalho de "garimpagem". Em seguida, os encontros vocálicos foram classificados, a partir da consideração da métrica dos versos. Os encontros vocálicos são mapeados *na escrita* das cantigas. Como a escrita não revela uma relação *um-a-um* entre sons e letras e/ou letras e sons, nem revela com segurança (em todos os casos) a estrutura silábica, é necessário fazer uma primeira interpretação dos dados, a partir da estrutura métrica dos versos, para saber se esses encontros vocálicos da escrita correspondem a encontros vocálicos da língua, isto é, ditongos e hiatos, ou se são "falsos" encontros vocálicos (por exemplo, quando vogais - na escrita - representam consoantes da língua - ex: *ia*). Por outro lado, há casos em que consoantes - na escrita - representam vogais (casos em que, embora não haja um encontro de vogais na escrita, ele efetivamente ocorre na língua - ex: *uja*). É somente a partir desse primeiro nível de interpretação que se pode passar para um segundo nível, em que se busca o *status* fonológico (em termos de silabação) de cada um dos casos.

Interpretação Fonológica dos encontros vocálicos prototípicos.

Do ponto de vista da gramática tradicional, como a de Cunha (1985), os encontros vocálicos são definidos como agrupamentos de vogais e semivogais, sem consoantes intermediárias. Mas percebe-se, imediatamente, que esses esclarecimentos deixam escapar detalhes, como, por exemplo, o encontro vocálico que existe, na escrita, entre *u* e *e*, em *que*, e que não forma nem ditongo, nem hiato, na língua oral. Por isso, torna-se necessário buscar outras definições, sob outros pontos de vista e, então, admitir os dois níveis básicos de organização sonora da língua: o fonético e o fonológico.³ A necessidade de assumir essa diferença de níveis se faz porque entre eles existe uma sensível discrepância quando o assunto é encontro vocálico.

Sob o ponto de vista da fonética, ou seja, num nível mais descritivo da língua, existe a possibilidade de formação de tritongos, como em **quais**, **quão**, **quaisquer**; e ditongos, como em **lingüiça**, por exemplo. No entanto, na escrita, podem chegar a ocorrer seqüências de até quatro vogais, como ocorre em PA, que, no nível fonético, podem constituir seqüências de variados tipos: ditongo + ditongo; tritongo + hiato; hiatos; CVCV etc. Para a fonética, ditongos e tritongos são vogais que iniciam com uma qualidade e acabam em outra; em outras palavras, para a fonética, sílabas do tipo CVV (ditongo) ou CVVV (tritongo) equivalem a CV – vogal simples com qualidade variável. Já a fonologia está interessada na *função* dos elementos. Assim, para a fonética, todo encontro vocálico é um monotongo, sendo que as vogais mudam de qualidade; enquanto que, para a fonologia, a ocorrência de um encontro vocálico depende do sistema próprio de cada língua. Para exemplificar, pode-se observar o exemplo *qual*, que, em uma análise fonética, é um tritongo ([kwaw], todas as vogais no núcleo), e, em uma análise fonológica, a depender do modelo adotado, pode ser considerado um tritongo (*waw*, no núcleo), um ditongo, interpretado como /kw/- onset e /aw/- núcleo, ou como /k/- onset, /wa/- núcleo e /L/- coda, ou um monotongo, interpretado como /k^w/- onset, /a/- núcleo e /L/- coda.

Casos típicos: hiatos

Bueno (1955), defende que os hiatos eram muito numerosos no PA. Os hiatos realmente aparecem em proporção maior do que atualmente e são constituídos ou por vogais que não se fundem, por não terem o mesmo grau de altura, ou por vogais idênticas duplas que ainda não sofreram crase no PA, mas possível-

³Segundo Cagliari (1997, p.7), a fonética e a fonologia são áreas da Linguística que estudam os sons da língua. Mas a fonologia “[...] faz uma interpretação dos resultados apresentados pela fonética, em função dos sistemas de sons das línguas e dos modelos teóricos que existem para descrevê-los, ou seja, a Fonética é basicamente descritiva e a Fonologia, interpretativa”.

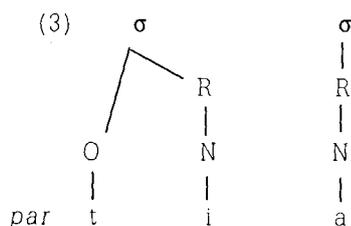
mente sofrerão no seu percurso evolutivo.

O falante de uma língua tem conhecimento intuitivo do que seja uma sílaba, e de qual é a parte mais proeminente da sílaba, que é a vogal, constituidora do *núcleo* da rima. A respeito desses núcleos ou picos da rima, Mateus e D'Andrade (2000, p.46) reforçam: "[...] *they are the only indispensable elements in the syllabic parsing*".

Formalizando a diferença entre ditongos e hiatos, em termos dos constituintes hierarquizados da Fonologia Métrica (segundo modelo adotado em Massini-Cagliari, (1995) e Cagliari, (1998)), pode-se dizer de uma maneira simplificada e inicial que, enquanto no ditongo ambas as vogais ocupam posições no núcleo da sílaba, como em (1), no hiato, cada uma das vogais constituiria o núcleo de uma sílaba diferente, sendo que a segunda teria o "onset" vazio, como em (2).



Como se pode ver, no caso dos hiatos, temos duas vogais "fortes" que equivalem a dois picos de sílaba; por isso, temos a estruturação de duas sílabas, gerando, conseqüentemente, planilhas como:



É importante ressaltar que os hiatos formados por vogais iguais são diferentes, em natureza, dos outros hiatos, porque, embora haja uma seqüência de vogais iguais, essa seqüência não é barrada pelo Princípio do Contorno Obrigatório – PCO e, sob uma perspectiva diacrônica, fica visível o processo evolutivo de queda da consoante sonora intervocálica e conseqüente formação desses hiatos, que são significativos no PA e só sofreriam a crase posteriormente.

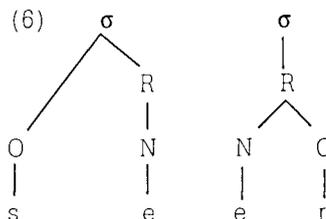
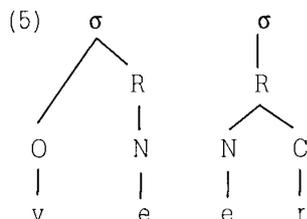
Considerando a origem dessas palavras, é possível verificar o processo da queda da consoante:

(4)

veer < vedere
seer < sedere

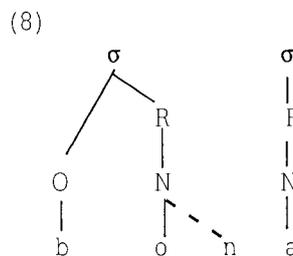
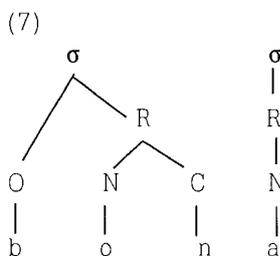
manhãas < maneanas
irmãas < ermanas < germanas

Nesses casos, também não existem grandes problemas para a interpretação fonológica; a planilha silábica pode ser representada como:



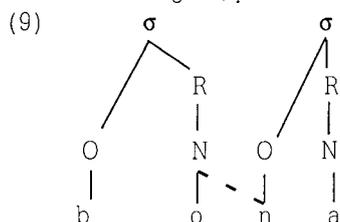
Nunes (1973), Lapa (1965) e Teyssier (1987) atentam para o fato de essas vogais se fundirem em momentos posteriores e deixarem de ser ocorrências de hiatos ou bissilábicas.

No caso de *bõa*, é importante observar que se trata apenas de um encontro vocálico aparente, mas não verdadeiro, uma vez que se constitui de uma seqüência vogal nasal - vogal oral, que "só pode constituir um hiato", como afirma Massini-Cagliari (1995, p.213). Trata-se de resultado do encontro de, no nível fonológico, uma vogal, uma consoante nasal e outra vogal, porque existe a possibilidade de duas realizações fonéticas para as representações encontradas na escrita para esse tipo de sílabas: como CVC (consoante inicial + vogal oral + consoante nasal) ou como consoante seguida de vogal nasalizada.⁴ Para organizar a planilha silábica, nesses casos, existe a possibilidade de considerar a nasal como um constituinte flutuante, como será discutido em seguida, mas, de qualquer forma, a solução para a silabação só pode ser o hiato, porque a nasal se interpõe entre as duas vogais. Mesmo assim, fica claro que a nasal se encontra na *coda* da primeira sílaba, como em (7), ou flutuante, adjungindo-se posteriormente à primeira sílaba, como em (8), e não no *onset* da segunda, pois a vogal que sofreu o processo de nasalização foi o *o* que precede a nasal e não o *a*, que a sucede. Temos, assim:



⁴Esta discussão serve igualmente para as ocorrências de ditongos nasais no PA.

Parkinson (1997) defende a derivação de /mano/ para *mão*, que ocorreria, segundo o modelo da Fonologia auto-segmental, através do espriamento do traço nasal. Conforme tal abordagem, poderíamos ter a representação (9) para *bão*:

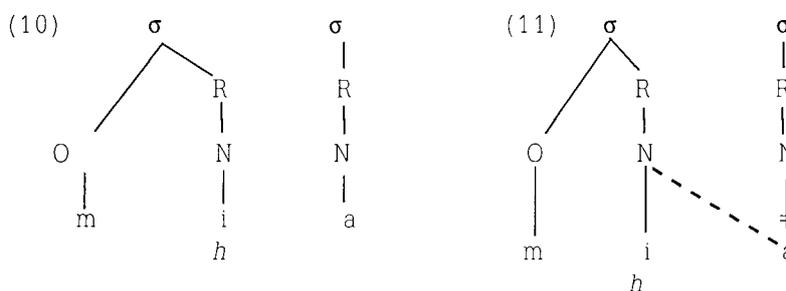


Mateus e D'Andrade (2000) concordam com essa projeção da nasal sobre o núcleo da sílaba à esquerda; para os dois estudiosos, o traço nasal é considerado um segmento flutuante ("floating") no Português Europeu, que pode se ligar ao núcleo da sílaba ou ao seu onset, dependendo do contexto em que a nasalização ocorre. Podemos concluir, assim, que a consoante nasal não possui uma posição própria no esqueleto silábico.⁵

Casos típicos: ditongos

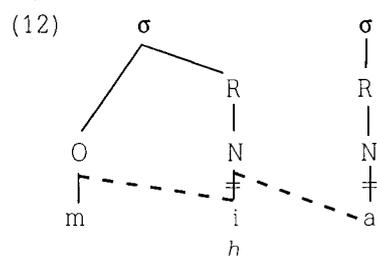
Ditongos Crescentes

Bisol (1989) esclarece que os ditongos crescentes, no Português Brasileiro, são, na verdade, resultado de um *processo de ressilabificação*, no qual a vogal alta sofre alterações de associação.⁶ Se postularmos que a hipótese formulada para o Português Brasileiro é também válida para o PA, temos, portanto na planilha (10) a forma de base e, nas planilhas (11) e (12), as alternativas de associação:



⁵Sobre ocorrências como *cama, cana, uma, unha*, ver Granucci (2001, p.130-131).

⁶Em (10), temos um hiato na forma de base: dois núcleos silábicos, portanto. Em (11), uma sílaba pesada: duas posições preenchidas no núcleo (duas moras). Já em (12) ocorre finalmente a "alteração de associação" da vogal alta: de núcleo silábico, em (10), a glide não-moraico posicionado no onset de (12).



Em (11), a associação de *a* ao núcleo da sílaba anterior sugere duas posições ocupadas no núcleo, já em (12) o glide foi associado ao *onset* e a vogal alta ocupa a posição única no núcleo. A estrutura apresentada em (12) é a mais plausível, pois os ditongos crescentes do PA são leves, logo, não atraem para si o acento, como defende Massini-Cagliari (1999).⁷

Outra observação relevante é que o *h* só aparece com valor de *i* em tais situações – na formação de ditongos crescentes, antes da vogal *a*. Um exemplo extraído do *corpus* que aparece raramente é *sabha*. Este exemplo talvez represente uma alteração, mesmo que inconsciente, da forma de base, de hiato a ditongo não sendo apenas uma simples variação gráfica (entre *ia* e *ha*). O que sustenta esta argumentação é o fato de, na métrica dos trovadores, dados como *sabha*, *dormho*, *dormha* serem indiscutivelmente ditongos, em todas as ocorrências. Como a métrica, no caso de línguas mortas, é um poderoso meio de se extraírem dados fonéticos/fonológicos da escrita, este é um fato relevante, que sustenta a escolha de (12) como a representação mais provável.

Ditongos Decrescentes

Granucci (2001), ao final de extensa análise de dados do PA e de profunda revisão da literatura sobre o assunto, conclui que não existem grandes diferenças entre o sistema vocálico do PA e o do PB atual.

E, no contexto do sistema vocálico do PA, sem dúvida, a discussão mais relevante sobre o *status* fonológico dos ditongos decrescentes é acerca da posição do glide. Em primeiro lugar, não se trata de uma opção tranquila considerar o glide no núcleo da sílaba, única e exclusivamente, porque a planilha silábica apresentada pelos teóricos sugere duas posições no núcleo que poderiam ser preenchidas por vogais. Na verdade, é preciso analisar a língua em questão, observar suas características, para que possa ser feita uma interpretação viável. Assim, para o PA, uma primeira hipótese seria considerar o glide no núcleo da sílaba e, uma segunda hipótese, considerá-lo na *Coda*.

Alguns estudiosos, como Mateus e D'Andrade (2000, p.46) defendem a pri-

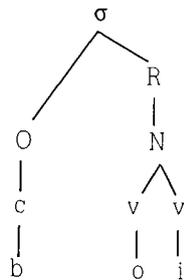
⁷Para Massini-Cagliari (1999), o PA possui um sistema de atribuição de acento sensível ao peso silábico, através da construção de troqueus moraicais, da direita para a esquerda, a partir da borda direita da palavra. Desta forma, como os ditongos crescentes posicionados no final de palavra não atraem para si o acento, não constituindo, sozinhos, um troqueu moraicais, então devem ser considerados leves, no nível fonológico (monomoraicais, portanto).

meira hipótese para o português Europeu atual e afirmam que:

The rhymes (R) of Portuguese syllables always have a nuclear vowel and all vowels can be syllable nuclei (N).
 [...] Single vowels may be followed by glides at the phonetic level, thus nuclei can include falling diphthongs.

Elas apresentam a seguinte planilha para a palavra *boi*, como exemplo em (13):

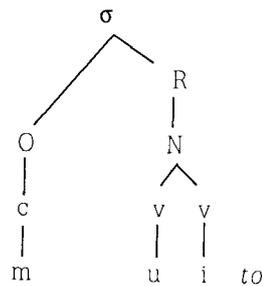
(13)



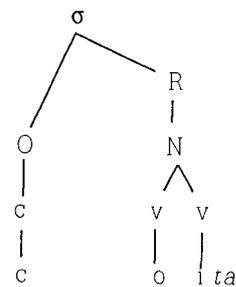
Câmara Jr. (1969)⁸ defende a seqüência VV – sob a qual está implícita a interpretação de duas posições ocupadas no núcleo – com fortes argumentos, como o fato de, por exemplo, depois de ditongo, não poder ocorrer “R” forte, só “R” fraco (tepe), o que significa dizer que, depois de coda preenchida, só ocorreria “R” forte, como em *Israel*. Se o glide do ditongo está na coda, então, deveria ocorrer “R” forte e não “R” fraco, como em *Europa*.

Para o PA, de acordo com essa primeira hipótese, teríamos estruturas como (14) e (15):

(14)



(15)



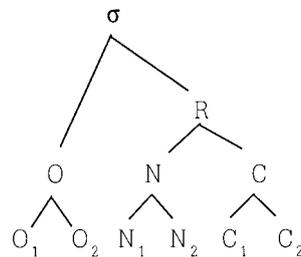
A hipótese de considerar planilhas silábicas com duas posições disponíveis no núcleo para vogais e glides, na verdade, auxilia na resolução de problemas, como a falta de lugar para “ancoragem” de vogais ou consoantes, mas, no PA, não existem problemas similares a esse; porém, tal situação é bastante comum para outras línguas, como o inglês, por exemplo, que admite seqüências como

⁸ Câmara Jr. (1969) não faz um estudo propriamente dito do molde silábico, mas é possível deduzir os modelos subjacentes à sua análise.

graind, estudadas por Hogg e McCully (1987).

Segundo os dados extraídos do *corpus*, o PA apresenta no máximo estruturas silábicas com 4 constituintes, como se pode conferir em Bernardineli (1999) e não apresenta longas seqüências de vogais e consoantes como as permitidas pela planilha (16), apresentada abaixo, que prevê sílabas com até 6 constituintes; nesse sentido, essa hipótese deve ser desconsiderada.

(16)

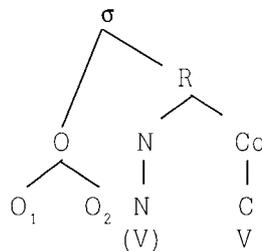


Assim, para o PA, uma segunda hipótese, a de que o glide estaria na Coda, é a mais adequada, pois daria conta das estruturas silábicas da língua em questão e não deixaria posições ociosas na planilha.

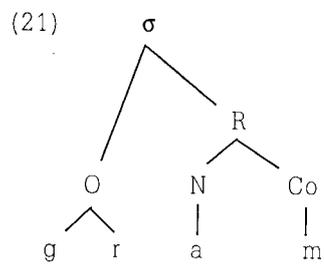
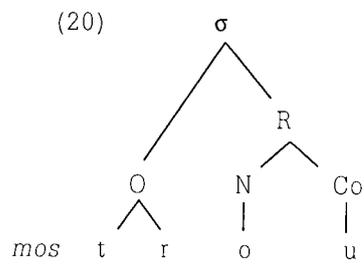
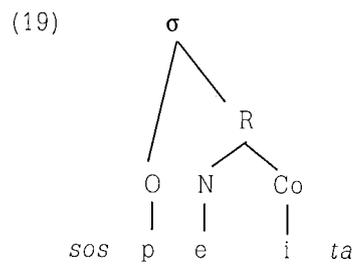
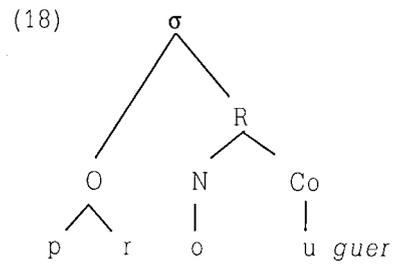
Pode-se concluir, então, que, na verdade, a planilha silábica apresentada em (16) é um molde inadequado para este estudo, visto que admite um grande número de sílabas que jamais se concretizam no PA; por isso, torna-se necessário apresentar uma planilha prevendo algumas restrições, para que não haja possibilidade de organizar estruturas silábicas agramaticais para o PA.

Lopez (1979) sugere, para o Português Brasileiro, um molde silábico que pode ser representado através da planilha silábica (17), como mostra Collichonn (1996, p.113):

(17)

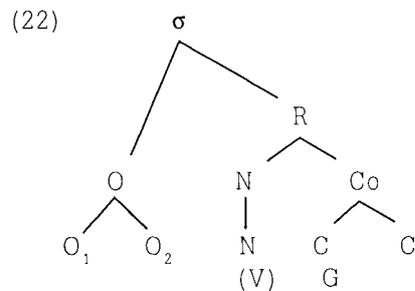


Esse molde é bastante reduzido em relação aos outros sugeridos, mas é capaz de representar quase todas as sílabas máximas (isto é, as sílabas possíveis com o maior número de segmentos) do PA, como mostram (18), (19), (20) e (21):

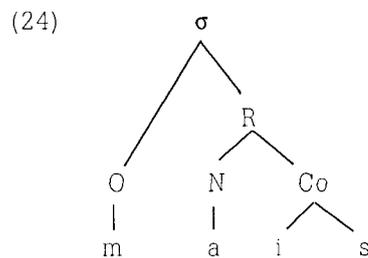
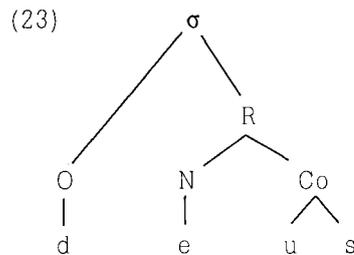


Como se pode ver nos exemplos acima, as estruturas silábicas do PA raramente apresentam mais de três elementos em sua constituição, chegando a, no máximo, quatro.

Ficam sem explicação, a partir da planilha considerada, somente ocorrências do tipo *deus, mais, meus, pois*, já que, nesses casos, temos um ditongo decrescente acrescido de um *s*, o qual ficaria sem lugar de ancoragem na estrutura silábica apresentada para o PA, com base em Lopez (1979). Surge, portanto, a necessidade de considerar as duas posições disponíveis na Coda sugeridas pela estrutura apresentada em (16). Logo, podemos concluir que, para o PA, a planilha silábica⁹ poderia ser apresentada com os seguintes constituintes:



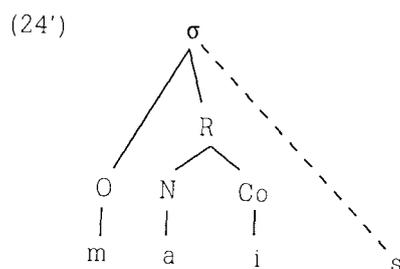
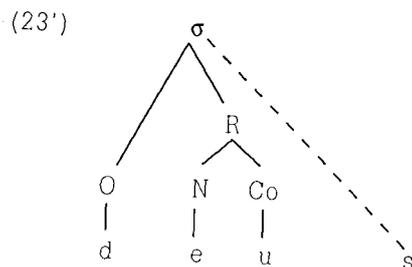
Assim, temos uma estrutura que representa as seqüências vocálicas de maneira adequada, demonstrando que o núcleo da sílaba, sempre uma vogal, tem *status* diferenciado perante os outros constituintes, inclusive, perante os glides, que ficariam sempre na Coda como é possível ver em (23) e (24).



Outra hipótese é considerar o /s/ final extrassilábico, como fizeram Fikkert e Freitas (*apud* Santos, 2001). Neste caso, as planilhas (23) e (24) poderiam ser

⁹Onde V = vogal, C = consoante e G = glide.

reescritas como:

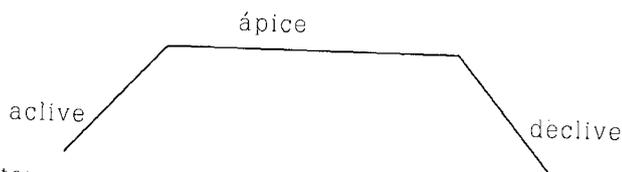


Câmara Jr. (1969), ao esclarecer sobre a grande predominância de sílabas livres ou abertas em Português, afirma:

Sílabas travadas ou fechadas são muito menos frequentes e com limitação muito grande das consoantes que podem figurar no aclave, isto é, como decrescentes. Em compensação, as vogais /i/ e /u/ podem figurar nesta parte da sílaba como decrescentes e assilábicas (em transcrição fonológica, respectivamente, /y/ e /w/). Constituem a vogal silábica o chamado ditongo decrescente, como em *pai* e *pau*, que se opõem distintivamente a *pá*. (CÂMARA JR., 1969, p.26-27, grifo do autor).

Ao analisar as sílabas dos ditongos como travadas, considerando *V/y,w/* como uma modalidade de sílaba travada, assim como *V/z/*, *V/r/* ou *V/l/*, Câmara Jr. (1969) admite uma análise VC, o que implicaria considerar o glide na Coda. Além disso, o estudioso prevê a sílaba sendo constituída por um *aclave*, um *ápice* e um *declive*.

Collischonn (1996, p.111) sugere o seguinte gráfico:



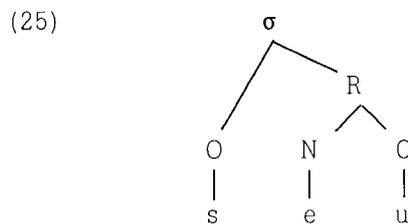
e o interpreta:

O ápice é constituído por uma vogal. O aclave é constituído por uma ou duas consoantes. O declive é constituído por uma das seguintes consoantes /S/, /t/, /l/ ou pela semivogal /y,w/. Além destas, considera a consoante nasal no declive, já que interpreta as vogais nasais como sendo fonologicamente "vogal fechada por consoante nasal".

Tal interpretação de Collichonn (1996) nos permite acreditar que a autora defende a posição do glide na Coda e sugere que Câmara Jr. (1969) também defendia essa hipótese¹⁰, que pode, realmente, ser sustentada e sugerida como sendo a mais viável também para o PA.

O único contra-argumento de Câmara Jr. que, sobre a questão do glide, merece ainda a atenção, foi anteriormente apresentado e incide sobre a ocorrência/não-ocorrência de "R" forte e "R" fraco depois de posição preenchida na Coda, ou não, respectivamente. Sobre esse assunto, Somenzari (2001) mostra que no PA consoantes "RR", grafadas como duplas, correspondem a geminadas em alguns contextos. Isso equivale a dizer que elas ocupam uma posição na *coda* da sílaba anterior e uma no *onset* posterior. Assim, em *europe*, não poderia mesmo aparecer um "R" forte, porque a posição de *coda* já está ocupada pelo glide. O problema de assumir para o PA um molde como o proposto em (22), então, seriam apenas casos como *guelra* (que existem no PB) - ocorrências que não foram encontradas no *corpus* em questão; logo, um problema que não traz complicações para a análise do PA, embora continue pendente para a interpretação dos dados do PB.

Cagliari (1998, p.49) afirma que, no Português Brasileiro, "[...] a ditongação ocorre por uma ramificação da Rima, com a vogal ocupando a posição de Núcleo e a semivogal a de Coda". Além disso, tal interpretação pode ser reforçada pela teoria desenvolvida por Spencer (1996) que sugere a intuição do falante acerca dos constituintes silábicos e apresenta a vogal como elemento central da sílaba, ou seja, a vogal desempenhando papel de alicerce para a sílaba, tratando-se assim, do elemento mais proeminente. Sendo o glide uma semivogal, pode-se concluir que terá um papel secundário, com menor proeminência; para que o falante possa distinguir um ditongo de um hiato, o glide deverá ocupar uma posição na Coda, como defendem os estudiosos acima citados. Como esta argumentação é válida também para o PA, conseqüentemente, teremos, na verdade, planilhas com apenas uma posição disponível no núcleo, como (25):



No PA, deparamo-nos com ocorrências como *meu*, *seu*, *sande*, representadas acima, que são idênticas aos ditongos atuais, mas a interpretação fonológica

¹⁰ Ver também Schane (1995).

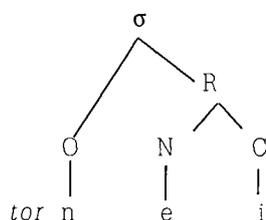
não é tão tranqüila quanto parece, visto que a qualidade desses encontros vocálicos pode ser discutida - o que tem importância crucial para a análise. Bisol (1989) distingue dois tipos de ditongos: os pesados (ditongos "verdadeiros", irredutíveis - ex.: *reitor*) e os leves (redutíveis - ex.: *caixa*). Se, na estrutura silábica, ambas as vogais forem moraicais¹¹, tratar-se-á de um ditongo pesado, segundo Bisol (1989). Ao contrário, se ambas as vogais estiverem subordinadas a uma mesma mora, então, a estrutura corresponderá a um ditongo leve.

Bisol (1994) retoma a análise feita em 1989 sobre os ditongos fonológicos ("verdadeiros") e os ditongos fonéticos ("falsos") e afirma:

O primeiro, invariante (*reitor, pauta*) está representado na estrutura subjacente por duas vogais, como um autêntico ditongo, enquanto o segundo, que ora se manifesta ora não (*peixe - peixe, feira - fera*), possui na estrutura subjacente, apenas uma vogal, formando-se o glide em nível mais próximo à superfície. (BISOL, 1994, p.123, grifo do autor).

Assim, temos nos verdadeiros ditongos uma Rima ramificada, constituída de duas vogais, sendo que a "vogal alta dessa configuração manifesta-se foneticamente como glide" como defende Bisol (1994, p.126). Tais ocorrências podem ser exemplificadas por árvores como (26):

(26)



Já os "falsos ditongos", segundo Bisol (1994), não existem na forma subjacente ou de base, mas são conseqüência de um processo de assimilação, portanto, podem ou não se realizar, sendo dependentes da criação de um glide epentético.

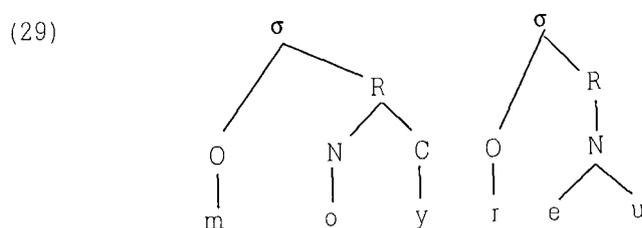
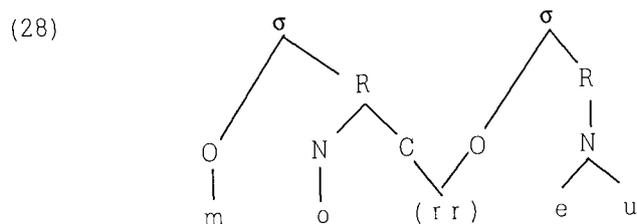
A diferença, portanto, entre os ditongos "verdadeiros" e os "falsos" está na forma de base, ou seja, são encontros vocálicos na estrutura superficial, mas não necessariamente na estrutura profunda; em outras palavras, os primeiros apresentam duas vogais na Rima desde a estrutura subjacente, os segundos, não.

Existem ainda ocorrências, como a variação *moyreu* e *morreu*, muito recorrente e que aparece nos versos 5 e 6 da cantiga 35 do Cancioneiro da Ajuda, de autoria de Paio Soares de Taveirós (CANCIONEIRO..., 1994).

(27) Ay | mia | fen | nor | a | ffi | moȳ | reu
 Co | mo | mo | rreu | quen | foȳ | a | mar

¹¹ De acordo com o modelo métrico de Hayes (1995), para estabelecer o peso da sílaba é preciso contar o número de elementos no núcleo ou na rima, através da contagem de moras (μ), assim, a sílaba associada a uma mora é tida como leve e a sílaba associada a duas moras, ou mais, como pesada.

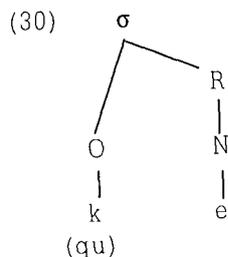
Neste caso, como mostra Somenzari (2001), a seqüência "RR", em *morreu*, é uma consoante geminada, ou seja, ocupa uma posição na *coda* da sílaba anterior e uma no *onset* da posterior; assim, pode-se dizer que, na ocorrência *moyreu*, o glide se forma da mora deixada pela consoante que trava a primeira sílaba (como se trata de uma consoante geminada, ela ocupa a *coda* da primeira sílaba e o *onset* da segunda ao mesmo tempo), trata-se, desta forma, na terminologia de Bisol (1994), de um ditongo derivado, cujo processo de formação está representado nas planilhas (28) e (29) :



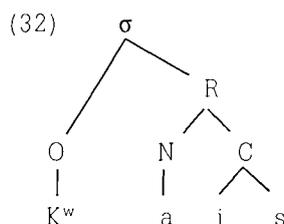
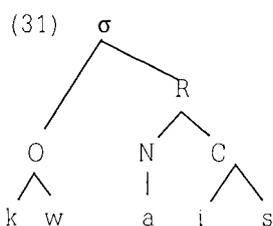
Casos de QU- e GU-

Com relação às seqüências grafadas com QU-/GU-, há a possibilidade de a vogal *u* ser pronunciada ou não. Em ambos os casos, o encontro vocálico que ocorre, na escrita, entre U+V não é considerado como tal no nível fonológico.

Existem ocorrências no *corpus*, como *que*, nas quais parece ser mais adequado considerar as seqüências *qu-/gu-* como dígrafos, ou seja, duas letras com o valor de um único som. Neste caso, a vogal *u* e a que a sucede não formam um encontro vocálico no nível fonológico. Por exemplo, *que*, em (30):



No entanto, em ocorrências como **quando**, **quais**, **quão**, existe teoricamente a possibilidade de considerar a semivogal U ocupando a segunda posição no onset, como no exemplo (31); ou ainda, de interpretar *Qu-* ou *Gu-* como consoantes labializadas, como na árvore (32). Mesmo nos casos em que o *u* é pronunciado (como em **quando**, **quais**) e há a formação de um ditongo crescente no nível fonético, considera-se que essa vogal não constitui um ditongo, no nível fonológico, com a vogal que a segue. Um primeiro argumento a esse respeito é a falta de “lugar de ancoragem” para esse segmento no núcleo, que, conforme a planilha silábica adotada após a discussão sobre a posição do glide, só aceita uma vogal. Além disso, como essa vogal *u* só ocorre depois das consoantes oclusivas velares /k,g/ para formar ditongos ditos crescentes, que são, na verdade, falsos ditongos, como já foi apresentado anteriormente, pode-se, portanto, argumentar que a sua ligação é muito mais estreita com a consoante que a precede do que com as vogais que a sucedem.



As duas interpretações acima são possíveis, mas a planilha (32), que apresenta as seqüências *qu-* e *gu-* como consoantes labializadas, é sugerida por Bisol (1989) como a melhor interpretação desse tipo de ocorrência, no Português Brasileiro. A autora (Bisol, 1989, p.216) defende que Câmara Jr. (1969) sugeriu considerar tais seqüências como *unidades monofonêmáticas*, ou seja, consoantes complexas.

Se, por um lado, Couto (1996) discute os problemas que tal interpretação acarreta, dentre eles a desvantagem de aumentar o número de fonemas da língua, por outro, Bisol (1989, p.217) afirma que a partir dessa interpretação “[...] não há aumento no número de fonemas da língua”.

Aumentando ou não o número de fonemas da língua, essa, sem dúvida, é uma interpretação coerente, até porque no Português já existem consoantes complexas,

como [tʃ] e [dʒ], que foram admitidas pela língua (mas como alofones, apenas).

Freitas (2001, p.81) conclui em um estudo sobre os sons de ataque, que as crianças portuguesas processam [kw] e [gw] como / K^w/ e / G^w/, ou seja: “[...] o seu estatuto segmental é o de consoantes velares labializadas [...] o seu estatuto silábico é o de Ataques não ramificados”.

Santos (2001) considera as seqüências Ku-/Gu- como consoantes complexas. No entanto, seus dados mostram que a aquisição desses segmentos se dá depois da aquisição dos onsets complexos CCV (CCV: aos 2;0 para um sujeito e aos 2;2, para o outro; Kw/Gw: depois de 2;5, para um sujeito, e depois de 2;7, para o outro. Os ditongos são adquiridos aos 1;5, para os dois sujeitos). Talvez isto indique que, no Português Brasileiro atual, essas seqüências sejam um onset ramificado /kw/, /gw/ - e não sons complexos /k^w/, /g^w/. No entanto, como não há dados de aquisição de línguas antigas, não é possível saber se a mesma interpretação se aplica ao PA.

De qualquer forma, Giangola (1997) mostra que, no Português Brasileiro, Ku-/Gu- não formam seqüências equivalentes aos ditongos crescentes (glide + vogal), já que kw-/gw- podem aparecer em qualquer posição quanto à acentuação (sílabas tônicas, pretônicas ou postônicas), ao passo que os ditongos crescentes, apenas em posição átona.

A partir das discussões apresentadas, pode-se concluir que as ocorrências de *qu-* e *gu-*, no PA, podem se comportar como consoantes labializadas ou como consoantes complexas, não sendo possível ainda, no momento, optar por uma ou outra interpretação.

Conclusão

Ao final da análise dos encontros vocálicos do PA empreendida neste trabalho, é possível constatar, nos resultados obtidos, que a análise baseada nas teorias fonológicas não-lineares, em especial as que tratam da estrutura da sílaba (fonologias métrica e auto-segmental), no estudo de temas clássicos, permite uma nova visão e, até mesmo, uma nova interpretação dos fatos já conhecidos da história da língua.

Foram encontrados no total 4923 encontros vocálicos, dos quais apenas 2437 são encontros vocálicos “verdadeiros”; as outras 2486 ocorrências são de encontros vocálicos que aparecem apenas na escrita, mas não se concretizam fonologicamente como tais. Tal diferenciação só foi possível pelo uso da poesia como *corpus*, que contribui com a métrica e permite, assim, a partir da escansão, separar as sílabas poéticas. Com as sílabas separadas, foi constatado que em muitas ocorrências, apesar de um símbolo normalmente relacionado à representação de uma vogal aparecer na escrita, sua função no nível mais abstrato de estruturação dos sons da língua (fonológico) era outra – apareceram casos de vogais com função de consoantes na escrita do PA.

A partir deste estudo, foi possível verificar, que, no PA, os *hiatos*, além de aparecerem com a estrutura prototípica (vogais de qualidades diferentes), ocor-

rem também, em quantidade considerável, com vogais duplas (por exemplo, *veer*). Tais ocorrências resultam da possível queda de uma consoante intervocálica, como fica nítido em ocorrências como *viir* (de *venire*). Em outras palavras, na forma de base, os hiatos apresentam vogais em núcleos de duas sílabas.

Com relação aos ditongos, foi preciso separar a análise em dois casos: ditongos crescentes e ditongos decrescentes. Por um lado, foram analisados os ditongos crescentes, que aparecem em número bastante reduzido. Sobre esses encontros vocálicos, confirmou-se para o PA a sugestão de Câmara Jr. (1969) e Bisoletti (1989, 1994), os quais acreditam que, para o Português Brasileiro, não existem ditongos crescentes, que são, na verdade, hiatos na forma de base.

Por outro, os ditongos decrescentes foram grande fonte de reflexão: o primeiro grande problema foi decidir qual posição deveria ser ocupada pelo glide *e*, ao concluir que este deveria estar na Coda (pois as semivogais desempenham as mesmas funções das consoantes que travam sílabas, logo devem ocupar posição na Coda), foi possível sugerir uma planilha silábica para o PA - reduzida se comparada às planilhas sugeridas por Selkirk (1980) e Hogg e McCully (1987), pois sugere uma alteração: um único lugar de ancoragem no núcleo - que viabiliza a interpretação de todas as estruturas silábicas e não abre a possibilidade de serem geradas estruturas agramaticais para o PA.

Sobre as ocorrências de *h* com possível valor vocálico (representando /i/), é importante atentar para o fato de que tal situação só se concretiza com seqüências como *mh-*, *vh-* e *bh-*. Outras seqüências, como *ch-*, são consideradas dígrafos e, como *lh-*, *nh-*, são tidas como consoantes complexas, não configurando, assim, casos de ditongos, na forma de base.

Já as seqüências QU- e GU- só proporcionam encontros entre vogais no nível fonético (ex.: *quando*, *augua*), visto que, fonologicamente falando, tais seqüências podem ser interpretadas ou como uma consoante labializada ou como uma consoante complexa.

Finalizando, este estudo permitiu que fosse constatado que o tipo de encontro vocálico mais comum em PA, não por coincidência, é o ditongo (foram constatados no *corpus* 2030 ditongos, e 407 hiatos), o mais comum também no Português Brasileiro atual. Mas é preciso ressaltar que o PA tolera os hiatos (inclusive não aceita outra solução, em alguns casos), enquanto o Português Brasileiro os evita.

ZUCARELLI, F. E. Vowel sequences in medieval portuguese: their phonological status. *Alfa*, São Paulo, v.48, n.1, p. 29-48, 2004.

■ **ABSTRACT:** This article studies the vowel sequences in *Cancioneiros* and other Medieval Portuguese documents. The phonological status of these vowels is defined as either hiatus or diphthongs. All data were submitted to auto-segmental and metrical analyses, with particular reference to the general phonological structure of Medieval Portuguese, according to the literature.

■ **KEYWORDS:** Medieval Portuguese; syllable; diphthongs; hiatus; ambisyllabicity; non-linear phonology.

Referências bibliográficas

- BERNARDINELLI, A. Análise da estrutura silábica em uma cantiga de D. Dinis. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v.28, p. 391-397, 1999.
- BISOL, L. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v.5, n.2, p. 185-224, 1989.
- BISOL, L. Ditongos derivados. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v.10, p. 123-140, 1994.
- Número especial.
- BUENO, F. da S. *A formação histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Liv. Acadêmica, 1955.
- CAGLIARI, L. C. *Análise fonológica: introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico*. 2.ed. rev. Campinas: Edição do autor, 1997.
- CAGLIARI, L. C. *Fonologia do português: análise pela geometria de traços e pela fonologia lexical*. Campinas: Edição do autor, 1998.
- CÂMARA JR., J. M. *Problemas de lingüística descritiva*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1969.
- CANCIONEIRO da Ajuda. Edição fac-similada do códice existente na Biblioteca da Ajuda. Lisboa: Távola Redonda, 1994.
- CANCIONEIRO da Biblioteca Nacional: Colucci-Brancuti. Reprodução fac-similada. Lisboa: Biblioteca Nacional, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1982.
- COLLISCHONN, G. A sílaba em português. In: BISOL, L. (Org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. p. 95-126.
- COUTO, H. H. As seqüências *qu-* e *gu-* mais vogal. *Revista de Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte, n. 4, p. 35-53, 1996.
- CUNHA, C. *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: MEC, Fename, 1985.
- FERREIRA, M. P. *O som de Martin Codax: sobre a dimensão musical da lírica galego-portuguesa: séculos XII-XIV*. Lisboa: UNYSIS, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1986.
- FREITAS, M. J. Sons de ataque: segmentos complexos, grupos segmentais e representações fonológicas na aquisição do português europeu. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.36, n.3, p. 67-83, 2001.
- GIANGOLA, J. P. *Constraint interaction and Brazilian Portuguese glide distribution*. Rutgers Optimality Archive. ROA #182-0397. 1997. Disponível em: <<http://roa.rutgers.edu>>. Acesso em: 12 dez. 2001.
- GRANUCCI, P.M. F. *O sistema vocálico do português arcaico: um estudo a partir das rimas das cantigas de amigo*. 2001. 321f. Dissertação (Mestrado em Lingüística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Unesp, Araraquara, 2001.
- HAYES, B. *Metrical stress theory: principles and case studies*. Chicago, London: University of Chicago Press, 1995.
- HOGG, R.; McCULLY, C. B. *Metrical phonology: a coursebook*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- LAPA, M. R. *Miscelânea de língua e literatura portuguesa medieval*. Rio de Janeiro: MEC, Instituto Nacional do Livro, 1965.
- LIBERMAN, M.; PRINCE, A. S. On stress and linguistic rhythm. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, 1997. p. 249-336.
- LOPEZ, B. S. *The sound pattern of Brazilian Portuguese: cariocan dialect*. 1979. Thesis (Doctorate) - University of California, Los Angeles, 1979.
- MASSINI-CAGLIARI, G. *Cantigas de amigo: do ritmo poético ao lingüístico: um estudo do percurso histórico da acentuação em português*. 1995. 412f. Tese (Doutorado em Lingüística) - UNICAMP, Campinas, 1995.
- MASSINI-CAGLIARI, G. *Do poético ao lingüístico no ritmo dos trovadores: três momentos da história do acento*. Araraquara: Laboratório Editorial FCL/UNESP, São Paulo: Cultura Acadêmica, 1999.
- MATEUS, M. H.; D'ANDRADE, E. *The phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- NUNES, J. J. *Cantigas d'amigo dos trovadores galego-portugueses*. Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, 1973.
- PARKINSON, S. Aspectos teóricos da história das vogais nasais portuguesas. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCI-

- AÇÃO PORTUGUESA DE LINGÜÍSTICA, 12, 1996, Lisboa. *Actas...* Lisboa: APL, 1997. v.2, p. 253-272.
- SANTOS, R. S. *A aquisição do acento primário no português brasileiro*. 2001. 317f. Tese (Doutorado em Lingüística). - IEL, UNICAMP, Campinas, 2001.
- SCHANE, S. Diphthongization in particle phonology. In: GOLDSMITH, J. A. (Ed.) *The handbook of phonological theory*. Cambridge: Blackwell, 1995. p. 586-608.
- SELKIRK, E. O. *On prosodic structure and its relation to syntactic structure*. Indiana: IULC, 1980.
- SOMENZARI, T. Estudo do *status* fonológico das consoantes duplas em português arcaico. 2001. Comunicação apresentada no II EDiP – II Encontro de Estudos Diacrônicos do Português. Araraquara: FCL, UNESP, 29 a 31 de ago. de 2001.
- SPENCER, A. *Phonology: theory and description*. Oxford: Blackwell Pub., 1996.
- TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. 3.ed. Lisboa: Sá da Costa, 1987.
- ZUCARELLI, F. E. *Ditongos e hiatos nas cantigas medievais galego-portuguesas*. 2002. 139f. Dissertação (Mestrado em Lingüística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 2002.